

A PROXY WAR IRANIANO-SAUDITA NO IÊMEN E SUAS DIMENSÕES INTERNASRAUTTER, Ana Paula Nunes de Abreu¹TRAUMANM, Andrew Patrick²

Resumo: A fim de analisar as relações entre o Iêmen, o Reino da Arábia Saudita e a República Islâmica do Irã, o presente artigo focará na elucidação da formação do Estado iemenita atual, desde a chegada do islamismo na região até a sua unificação em 1990. Discorrerá sobre a formação e ascensão do grupo insurgente Houthi no Iêmen e, por último analisará as consequências da Primavera Árabe no país, bem como a Proxy War financiada pelos dois atores externos regionais, o Irã e a Arábia Saudita, que buscam a dominação da região.

Palavras chave: Iêmen, Arábia Saudita, Irã, Proxy War, Primavera Árabe, Houthi.

Astract: In order to analyze the relations between Yemen , the Kingdom of Saudi Arabia and the Islamic Republic of Iran, this article wiill focus on elucidating the formation of current Yemeni State since the arrival of Islam in the region untill its unification in 1990. This article will also expatiate about the formation and rise of the Houthis and, lastly, will analyze the consequences of the Arab Spring in the country and the Proxy War funded by the two regional external actors, Iran and Saudi Arabia who seek domination of the region.

Key words: Yemen, Saudi Arabia, Iran, Proxy War, Arab Spring, Houthi.

Recebido em: 26/12/2017

Aprovado em: 22/01/1018

¹ Graduanda do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA e integrante do Grupo de Pesquisa Conflitos no Oriente Médio, África e Ásia Central.

² Professor Orientador do Grupo de Pesquisa Conflitos no Oriente Médio, África e Ásia Central.

Introdução

A situação caótica pela qual o Estado Iemenita passa atualmente nos leva a indagações pertinentes: o que está se passando no país e quem são os envolvidos, quais poderiam ser os interesses dessas partes no conflito em levar uma nação às ruínas, e porque tantas pessoas estão vivendo em situações degradantes no país sem que o resto do mundo lhes preste o devido cuidado? Á partir de tais questionamentos viu-se necessário encontrar explicações. Assim, o presente artigo compromete-se a tentar respondê-las.

Antes de tudo, é fundamental discorrer sobre algumas informações básicas a respeito do país e elucidar alguns conceitos abordados ao longo do presente artigo para facilitar a compreensão acerca do tema. Outros assuntos retratados brevemente nesta introdução serão aprofundados ao longo do artigo.

O Iêmen nunca teve uma sociedade com um senso de identificação comum, o país é primordialmente regido por relações tribais, sendo o governo uma instituição de caráter secundário, e por conta da geografia montanhosa da região essas relações são mantidas, principalmente pela necessidade de autossuficiência. É um erro pensar que, em um país com tais características tão peculiares, qualquer grupo que esteja à frente da política, representaria o todo da população.

Localizado na extremidade sudoeste da península arábica, o Iêmen faz fronteira a leste com o Omã e ao norte com a Arábia Saudita, sendo também banhado pelo Mar Árábico e pelo Mar Vermelho, possuindo uma posição de grande importância estratégica devido ao estreito de Bab El-Mandeb, que conecta o Oceano Índico ao Mar Vermelho e conseqüentemente ao canal do Suez e ao Mediterrâneo (ALVES, 2016).

Considerado o país mais pobre do Oriente Médio, o Iêmen possui uma população de 27 milhões de habitantes³ onde hoje, em meio a uma guerra civil, 21,2 milhões de pessoas se encontram abaixo da linha da pobreza. Além disso, o país enfrenta também uma crise de petróleo, sua principal fonte de renda, e de água, visto que as reservas subterrâneas do país

³ Dado de 2016 segundo estatísticas do Banco Mundial. Disponível em:
<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?end=2016&locations=YE&start=2016>

estão se esgotando. Alguns pesquisadores indicam que Sanaa, capital do Iêmen, pode ser a primeira capital do mundo a ficar sem água dentro de alguns anos (DURAC, 2012, LOPOUR, 2016).

Desde sua unificação em 1990⁴ o país vem passando por um período de instabilidade e insatisfação generalizada. A diversidade social do país é também um agravante para a sua miséria uma vez que o governo não tem se mostrado capaz de atender as reivindicações populares ao mesmo tempo em que tenta se recuperar da falência econômica.

Outro fator importante para se compreender a composição da sociedade iemenita é a religião. O Zaidismo, uma vertente xiita do islamismo, é o mais próximo de uma identificação nacional iemenita, pois durante muito tempo a parte norte do país foi governada por Imames dessa doutrina. Tal característica é fundamental para entender a realidade atual do Estado iemenita.

Em meados dos anos 90 como uma tentativa de reavivar as tradições dessa vertente religiosa no país, surgem os Houthis, como oposição ao governo por marginalizar e reprimir seus seguidores por medo de que a influência Zaidi enfraquecesse a república.

Esse grupo, ao longo dos anos foi adquirindo um caráter essencialmente político, tendo conseguido em 2014, em meio a uma revolta generalizada da população, o controle de Sanaa, a capital do Iêmen.

É importante ressaltar também a existência no território iemenita da Al-Qaeda na Península Arábica, um dos ramos mais ativos da Al-Qaeda atualmente, que preocupa além dos Houthis, o governo e a comunidade internacional, principalmente a Arábia Saudita e os Estados Unidos da América, que por anos tem, sem êxito, tentado erradicá-lo.

O ponto principal deste artigo será examinar a ascensão do grupo Houthi como uma oportunidade geopolítica ideal para a República Islâmica do Irã no que se trata de incitar mais uma Proxy War contra a Arábia Saudita, em sua busca por hegemonia regional, e também em

⁴ O Iêmen moderno foi formado pela junção do sul socialista e o norte republicano em 1990.

como a circunstância atual do Estado iemenita se encaixa na competição entre esses dois países.

O conceito de Proxy War aplicado às relações Sauditas e Iranianas com o Iêmen fornece um bom entendimento da influência exercida por essas duas nações no país e as suas respectivas áreas de patrocínio. Segundo o cientista político Karl Deutsch, uma Proxy War pode ser descrita como:

Um conflito internacional entre dois poderes estrangeiros, disputado no solo de um terceiro país, disfarçado de conflito interno, usando parte da mão de obra, recursos e território deste país como meio de alcançar preponderantemente as metas, e estratégias dos países estrangeiros⁵ (apud Enders 2002, p. 5. Tradução Livre).

O conflito entre a Arábia Saudita e o Irã, por mais que originalmente estivesse baseado na disputa histórica entre a fé islâmica xiita e sunita, hoje, está muito mais ligado a busca por hegemonia regional e a aspectos geopolíticos do que por uma questão religiosa.

Segundo John Mearsheimer em seu livro ‘The Tragedy of Great Power Politics’ (2001), o conceito de hegemonia regional se expressa pela capacidade de uma nação independente e poderosa em conseguir exercer influência sobre seus vizinhos, adquirindo legitimidade no exercício da supremacia. Além disso, o autor descreve a necessidade enfrentada pelas hegemonias regionais em conter as potenciais outras hegemonias que possam vir a surgir em sua área. Essa teoria aplicada às relações iraniano-sauditas deixa evidente a procura por dominação entre esses dois países na região, que além do Iêmen deram suporte a lados distintos em guerras na Síria, Iraque e Líbano, exacerbando o número de disputas em uma região que é historicamente conflituosa.

⁵ Tradução Livre. Texto original :” an international conflict between two foreign powers, fought out on the soil of a third country, disguised as a conflict over an internal issue of the country and using some of that country’s manpower, resources and territory as a means of achieving preponderantly foreign goals and foreign strategies”

1. Revisão Histórica

Antes da chegada do islamismo em 630 d.C. a região onde hoje se situa a República do Iêmen, fora comandada por várias dinastias tribais locais, divididas em diversos reinos. Após 630 d.C., várias dessas tribos converteram-se ao islamismo, e a região passou a ser governada como parte dos Califados Árabes (Library of Congress, 2008). Sobretudo a região ao norte, onde a dinastia Xiita Zaidi⁶ se manteve no poder, através da figura dos Imames, até o século XX.

Em meados do século XIX, pela segunda vez o Império Turco Otomano desembarca ao norte do Iêmen⁷, como represália ao avanço Otomano rumo a costa do mar vermelho, a Companhia das Índias Britânicas Ocidentais, em 1839, toma conta da cidade portuária de Áden (DRESCH, 2000). Ambos os Impérios, Otomano e Britânico, instalaram-se ao norte em Sanaa e ao sul em Áden, mantendo centros administrativos, e governando uma população predominantemente Muçulmana (DRESCH, 2000). Entretanto, a região norte, apesar do controle Otomano em Sanaa, em suas áreas tribais, era gerida pelos Imames Zaiditas.

Com o advento da primeira guerra mundial e o colapso do Império Otomano, em 1918-19 os Otomanos se retiraram definitivamente do Iêmen, deixando a região setentrional sob o comando do Imame Zaidi⁸ (DRESCH, 2000).

Após a revolução no Egito em 1952, os ideais de Nasser⁹ de um nacionalismo e socialismo árabe foram se espalhando pelo continente, e encontraram no Iêmen uma audiência receptiva. Em 1962, ao norte, o Imamato foi destituído por um golpe militar, e a República Árabe do Iêmen (YAR)¹⁰ foi estabelecida. Seguindo do golpe, uma guerra civil eclodiu, de um

⁶ O Zaidismo surgiu no século VIII com aqueles que acreditavam que Ali deveria ser o sucessor de Maomé na liderança espiritual e temporal dos Muçulmanos, e consideram o bisneto de Ali, Zayd Ibn Ali, o quinto Imame.

⁷ No século XVI o Império Otomano chega pela primeira vez ao Iêmen

⁸ [Yahya Muhammad Hamid ed-Din \(ou Imam Yahya\) se tornou Imame dos Zaiditas em 1904, após a morte de seu pai, e Imame do Iêmen em 1918.](#)

⁹ Gamal Abdel Nasser foi um militar e político egípcio, que presidiu seu país de 1954 até sua morte em 1970.

¹⁰ 'Yemen's Arab Republic'. Tradução nossa.

lado os pró-republicanos apoiados pelos egípcios e de outro, os monarquistas financiados pelos vizinhos sauditas. Após quase uma década de batalhas, os Republicanos saem vitoriosos e se consolidam no poder (MANEA, 1996). Entretanto, ao contrário de um sentimento de unidade nacional, os iemenitas são tradicionalmente fragmentados por regiões, tribos e classes, dificultando a obtenção, pelo governo central, de hegemonia sob sua esfera civil (ISMAIL, 2007). Após a vitória dos republicanos, o governo da YAR tentou promover novos mecanismos de controle social buscando colaboração dos líderes tribais regionais, mas essa cooperação foi meramente superficial impactando substancialmente na legitimidade do regime republicano (ISMAIL, 2007).

Ao sul, a população, cansada da influência Britânica e a exemplo dos vizinhos da YAR, começou a travar disputas contra as tropas da coroa, que após várias tentativas falhas em permanecer na região, concederam a independência ao Iêmen do sul no dia 30 de novembro de 1967 (RUSSEL, 1988). Com o recente vácuo no poder iniciou-se uma sangrenta guerra civil, tendo saído vitoriosa a Frente Nacional de Libertação, um grupo de cunho marxista, que se consolidou ao poder (RUSSEL, 1986, p.10) e proclamou a República Democrática Popular do Iêmen (PDRY)¹¹. Apesar dos regimes ao sul possuírem um caráter mais secularista, o tribalismo, tal como ao norte, sempre foi o modelo social predominante. Sendo assim o modelo marxista de organização social não se enraizou profundamente entre a população (ISMAIL, 2007).

Durante os regimes do PDRY e do YAR, a falta de legitimidade de ambos, fez com que discursos nacionalistas de um ‘Greater Yemen’¹², proferidos pela primeira vez em 1911, pelo Imame Yahya, fossem lembrados, e a intenção de unificação, que era vista por muitos como inevitável, começou a ser esboçada pelos dois países a partir de 1972 (ISMAIL, 2007). As negociações caminhavam bem até 1980, quando, por influência Saudita, o presidente Ali Abdullah Saleh¹³ da YAR, congelou as negociações.

¹¹ ‘ The People’s Democratic Republic of Yemen’. Tradução livre.

¹² ‘ Grande Iêmen ‘. Tradução livre

¹³ Ali Abdullah Saleh governou o YAR de 1978 a 1990, e do Iêmen unificado, de 1990 a 2012.

Em meados dos anos 80, foram encontradas jazidas de petróleo na região do Marib, uma localidade assentada ao meio dos dois países, e foram então iniciadas novas negociações para a exploração conjunta dessas jazidas. A partir dessas circunstâncias, novos acordos foram sendo estabelecidos e a integração foi gradativamente se intensificando, até que no início dos anos 1990 as negociações já possuíam um caráter mais técnico, como a divisão dos postos do governo e o estabelecimento de um período de transição para uma unidade permanente (ISMAIL, 2007). É necessário ressaltar que a retomada das negociações foi somente possível por causa das novas jazidas de petróleo encontradas, pois assim a dependência econômica dos dois países por atores externos diminuiu, principalmente do norte com a Arábia Saudita, seu maior financiador (ISMAIL, 2007).

Em 1990 a decadência da URSS e o aprofundamento da crise econômica enfrentada pelos países produtores de petróleo forjaram o momento ideal para a unificação (MANEA, 1996), então em maio do mesmo ano foi declarada a República Árabe do Iêmen.

A liderança política do novo Estado estabeleceu que um sistema de multipartidarismo resolveria o problema da diversidade entre norte e sul. Durante o período de 1990 a 1993, chamado de ‘período de transição’, as elites políticas dos antigos YAR e PDRY concordaram em partilhar a autoridade estatal até que novas eleições fossem realizadas (ISMAIL, 2007).

Durante esse período, várias formas de cooperação social surgiram, formando desde novos partidos políticos a novas associações tribais e religiosas, aprofundando a luta política pelo poder.

‘E finalmente as eleições parlamentares de abril de 1993, ajudaram a aprofundar essas divisões invés de resolvê-las’¹⁴ (ISMAIL, 2007, p.26, tradução livre). As eleições - embora nenhum partido tenha vencido com maioria absoluta - elegeram o ‘Congresso Geral do Povo’ (GPC)¹⁵ partido de Ali Abdullah Saleh, que foi gradativamente impondo um governo de caráter autocrático (ISMAIL, 2007). Em 1994 deu-se início a uma guerra civil no país entre os

¹⁴Tradução livre. Texto original “Parliamentary elections finally held April 1993 helped entrench deepening division rather than resolving political disputes”.

¹⁵ ‘General People’s Congress’. Tradução livre.

secessionistas do sul e o regime de Saleh que, depois de alguns meses, por poderio conseguiu manter a união (SALISBURY, 2016).

2. Houthis

Em meados dos anos 90, o governo de Saleh começou a adotar políticas repressivas contra a população xiita iemenita como uma tentativa de dismantlar o poder dos Zaidis no país. O regime do Presidente Saleh foi marcado pela manipulação e corrupção, incitava conflitos tribais para manter as tribos ocupadas e enfraquecidas e também empregava em cargos públicos parentes e amigos visando centralizar seu poder (ABOSAQ, 2012).

Nesse contexto, algumas famílias mais abastadas da região norte do país, pertencentes ao ramo islâmico do Zaidismo, começaram a propagar a ideia de reavivar suas tradições religiosas dentre a população, como oposição a tentativa de marginalização dessas camadas da sociedade civil pelo governo (SALMONI et al ,2010).

Durante esse período, vários intelectuais Zaidis começaram a disseminar seus ideais para a população por meio de comícios, palestras e manifestações, aderindo milhares de seguidores. Por volta dos anos 2000, esses movimentos Zaidis haviam adquirido um viés mais político, criticavam fortemente o governo por suas alianças com ocidente¹⁶, sua corrupção e política repressiva, até que em 2004, em uma dessas manifestações, um dos líderes do movimento, Hussein Al-Houthi, foi sequestrado pelo exército do governo e morto meses depois. Após tal episódio, seus seguidores, como homenagem, aderiram seu sobrenome ao movimento e começaram a adotar um caráter mais violento. (SALMONI et al ,2010).

O surgimento do grupo foi na verdade uma evolução de fatores, quanto mais o governo adotava medidas opressoras mais os Zaidis reivindicavam seus direitos:

Embora a rebelião Houthi tenha sido inspirada em um reavivamento do Zaidismo e liderada por carismáticas elites Zaidis, não é um movimento de oposição confessional que desafiava a legitimidade do governo Iemenita – nem uma manifestação local da “Crescente Xiita” transacional. É sim um conflito em que o descontentamento material local e as reivindicações da identidade Zaiditas se

¹⁶ Hussein Al-houthi expressava abertamente seu desgosto pelos EUA e também por Israel, referenciava os EUA como “Great Satan” assim como Khomeini do Irã

cruzam com os métodos do governo de legitimação. (SALMONI et al ,2010, p.XV-XVI).¹⁷

O governo iemenita classifica as ações do grupo como terroristas e tem seu discurso legitimado pela comunidade internacional, alega também que o objetivo do grupo seria a volta do imamato. Afirmações essencialmente inconsistentes, a primeira antes de tudo por influência norte americana, que após o episódio de 11 de setembro de 2001¹⁸ começou a classificar qualquer grupo insurgente no mundo árabe como terrorista, e a tentar erradicá-los. A segunda, sobretudo, por falta de evidências de que tal afirmação seja verdadeira, pois em nenhum momento qualquer membro do movimento Houthi mencionou tal aspiração, muito pelo contrário, nunca se posicionaram contra a república em si e sim contra o sistema de governo do Estado iemenita (SALMONI et al ,2010).

De 2004 a 2010 as tensões entre o grupo e o governo foram gradativamente se intensificando, e as intenções de ambas as partes permaneceram abstratas e causaram um sangrento conflito de responsabilidade compartilhada. Tanto o governo Iemenita tanto quanto os Houthis provocaram intensas violações de direitos humanos, e dezenas de mortos e feridos (SALMONI et al ,2010), além do deslocamento interno de cerca de 160 mil pessoas no país (RODER, 2016).

É necessário ressaltar que, desde o princípio do surgimento do grupo nos anos 90, os Houthis nunca foram um grupo homogêneo, seus integrantes pertencem a tribos distintas, mas compartilham um senso de identificação comum a partir da religião, no caso o Zaidismo (RODER, 2016). Entretanto, é fundamental advertir que nem todo Zaidita é Houthi.

O Zaidismo surgiu no século VIII com aqueles que acreditavam que Ali deveria ser o sucessor de Maomé na liderança espiritual e temporal dos Muçulmanos, e consideram o

¹⁷ Tradução livre. Texto original: " Although the Huthi rebellion was inspired by Zaydi revival and led by charismatic Zaydi elites, it is not a confessional opposition movement challenging the legitimacy of the GoY—nor is it a local manifestation of the transnational "Shi'ite Crescent." Rather, it is a conflict in which local material discontent and Zaydi identity claims have intersected with the state center's methods of rule and self-legitimation."

¹⁸ Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos foram ataques suicidas no qual 19 terroristas do grupo Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros, e colidiram-os contra duas torres do complexo empresarial World Trade Center em Nova Iorque.

bisneto de Ali, Zayd Ibn Ali, o quinto Imame. O movimento é considerado extremista no campo político porém é moderado no campo religioso. O zaidismo não exige ligações de sangue com os Hasânidas ou com os Husaynidas (descendentes de Hasan ou de Husayn, os dois filhos de Ali ibn Abi Talib e de Fátima Zarah ibn Mohamad) para sustentar a liderança do islamismo, entretanto, determina que o poder será atribuído a quem souber guiar os muçulmanos contra os usurpadores e opressores, dando uma conotação militante ao movimento. Além disso, não consideram a ausência de um imame algo negativo tanto quanto dois Imames podem partilhar do cargo (AL-MUFID, 2010).

As insatisfações dos houthis contra seu governo não eram exclusivas do grupo, ao longo do tempo foram se disseminando e acabaram por influir em um descontentamento generalizado da população. Até que em 2011, uma onda de protestos populares reivindicando direitos políticos e liberdades civis se espalharam pelo Oriente Médio¹⁹, e no Iêmen, cenário que vinha sendo construído desde 2004, alcançou neste ano seu estopim, levando a população às ruas para manifestar suas insatisfações, acusavam o presidente Saleh de não melhorar as condições de vida no país, corrupção, autoritarismo e pediam a sua renúncia (RODER, 2016).

3. A Primavera Árabe

A primavera árabe de 2011 inaugurou no Iêmen um cenário até então nunca visto. Protestos populares eram até esta data orquestrados pelas elites políticas do país, e excepcionalmente em 2011 a população, farta dos excessos do governo e do pouco espaço permitido para a sua participação política, pela primeira vez esteve na vanguarda de um movimento social (DURAC, 2012).

Em março do mesmo ano várias associações de manifestantes juntaram-se para formar a Coalizão Civil da Juventude Revolucionária, a qual no dia 23 deste mês lançou ao governo uma lista de reivindicações, requisitando:

¹⁹ A Primavera Árabe, iniciada em dezembro de 2010 na Tunísia se espalhou pela região do Oriente Médio atingindo seu auge em 2011, onde manifestações se propagaram por todo o continente reivindicando direitos políticos e liberdades civis para a população por conta de seus governos autocráticos.

O desmantelamento do regime, a prisão imediata daqueles envolvidos em fraude ou corrupção, a redação de uma nova constituição para transformar o sistema político de presidencial em parlamentar e um governo descentralizado e totalmente transparente²⁰ (DURAC, 2012, p.5).

A intenção deste grupo era antes de tudo estabelecer um Estado moderno e democrático capaz de interagir com as realidades do mundo contemporâneo com base na igualdade, na liberdade e na justiça, possuindo um sistema político plural pautado no respeito aos direitos humanos. Como estratégia de expansão, o grupo Houthi anunciou seu suporte a esta coalizão, tendo assim adquirido mais seguidores e maior influência dentre a população (DURAC, 2012).

Os protestos se espalharam por todo o país, possuindo um caráter mais violento ao sul do que ao norte, levando o governo a reagir de maneira violenta tirando a vida de milhares de pessoas (ABOSAQ, 2012).

Após meses de intensa violência por parte do governo contra os manifestantes, em junho, após ser alvo de um atentado o presidente Saleh é obrigado a fugir para a Arábia Saudita para tratamento. Depois de três meses de tratamento, ao retornar ao país, começa a negociar sua renúncia. Com o seu afastamento oficial do cargo em 2012, o vice-presidente do país, Abd Rabbu Mansour Hadi assume a presidência e tenta de maneira superficial implementar um governo cooperativo com a população civil. Contudo, assim que os ânimos da população foram se acalmando depois de meses de intensas manifestações populares, a antiga elite política, não saciada do poder, começa a trazer o antigo sistema de volta, não havendo mudanças significativas na estrutura política do país (ELAYAH, 2017).

Em março de 2014 o presidente anunciou o fim da Conferência Nacional do Diálogo, tal conferência fazia parte da estratégia adotada por Hadi em incluir os diversos grupos sociais iemenitas nas decisões políticas do país com o intuito de analisar suas exigências e de elaborar uma nova constituição. Tal pronunciamento foi visto com desgosto pela população que, sem

²⁰ Tradução livre. Texto original. " the immediate dismantling of the regime, the arrest of those involved in fraud or corruption, the drafting of a constitution to transform the political system from presidential to parliamentary, a decentralized government and full transparency"

real participação política começou novamente a contestar o poder do regime, deixando evidente a fragilidade do governo e sua falta de legitimidade (SALISBURY, 2016).

Durante este período, beneficiando-se da instabilidade do país e a falta de controle do governo sobre suas regiões, o grupo Houthi começa a avançar sobre o território iemenita e a conquistar diversas regiões (SALISBURY, 2016).

No ano de 2014, o governo do presidente Hadi enfrentou um aprofundamento da crise no país, dado que a receita do governo não era suficiente para pagar suas dívidas nem bancar os serviços prestados a sociedade civil e muito menos manter os subsídios dados ao setor de combustíveis. Em agosto, o Banco Mundial e o FMI oferecem um financiamento de 2 bilhões ao governo que em contrapartida deveria diminuir os subsídios aos combustíveis, o que levou a uma elevação exacerbada no preço dos combustíveis e a um aumento no custo de vida do país (SALISBURY, 2016).

Protestos eclodiram mais uma vez em Sanaa, dessa vez com tom de ameaça por parte dos Houthis, que emitiram um aviso público alegando que se o governo não reduzisse o preço dos combustíveis aos níveis anteriores ao acordo com o FMI, eles comandariam uma revolta para derrubar o governo. Hadi encontrou dificuldade em oferecer uma contra narrativa à posição populista dos Houthis que desde 2011 apresentavam-se como o grande mártir contra a corrupção no país e a voz do povo iemenita (SALISBURY, 2016).

Nos meses seguintes os protestos reivindicando além da baixa nos combustíveis, a reorganização do governo e a execução dos acordos firmados durante a Conferência Nacional do Diálogo, ocorreram com certa passividade, até que em meados de setembro iniciou-se um conflito entre as unidades militares alinhadas ao partido iemenita Islah²¹ e os Houthis apoiados pelas unidades militares leais ao ex-presidente Saleh (SALISBURY, 2016).

É controverso pensar em uma aliança entre os Houthis e o ex-presidente Saleh, entretanto tal parceria vinha sendo formada desde 2011 indiretamente por líderes tribais Zaidis do norte do país que atuavam como mediadores entre as duas partes durante os

²¹ Partido político islâmico iemenita financiado e apoiado pela Arábia Saudita formado primeiramente para opor-se ao partido Marxista no Iêmen na década de 70. Após a unificação do país nos anos 90 o grupo aderiu ao nome Al-Islah e desde então assume papéis centrais na política iemenita.

protestos da Primavera Árabe Iemenita. Nos anos de 2012 e 2013 esses mediadores zaidis ajudaram os Houthis a conquistar territórios no norte do país, convencendo as tribos e comunidades a ou aceitar um pacto de não agressão contra os Houthis ou a lutar ao seu lado (SALISBURY, 2016).

Em 2014 a antipatia compartilhada entre as duas partes contra a milícia do Islah forjou a aliança que levaria os Houthis a obterem o controle da capital sem muita dificuldade. A abstenção do posicionamento de Hadi no conflito levou o exército Islah a recuar e permitir que os Houthis tomassem a cidade (SALISBURY, 2016). Em janeiro de 2015, o grupo Houthi obriga o presidente Abd Rabbu Mansour Hadi a renunciar seu posto, assumindo o controle do palácio presidencial em Sanaa e as posições da guarda presidencial (ALVES, 2016).

Dito isso, nos deparamos com a seguinte situação: de um lado os Houthis apoiados pelas tropas e milícias fiéis ao antigo presidente do país, e de outro, o atual presidente apoiado pelos Sauditas e Norte-Americanos, circunstâncias nas quais os anos de tensões acumuladas conduziram o país em direção a uma guerra civil (JUNEAU, 2016), que aparentemente está distante do fim.

A Primavera Árabe iemenita é um claro exemplo de que um Estado frágil gera um colapso nas estruturas e na administração do Estado aumentando o vácuo de poder e insegurança, abrindo espaço para o surgimento de novas forças centrífugas (KHOSHANDAM 2015, p. 6 apud EL GHAMARI, 2015, p.3).

4. As relações sauditas e iranianas com o Iêmen

As políticas domésticas iemenitas não conseguem sozinhas explicar a trajetória da sua vida política, atores externos sempre estiveram presentes influenciando o curso de sua história. As relações sauditas com o Iêmen, por exemplo, são profundas e de longa data. Segundo o jornalista Peter Salisbury (2015, p.3), os sauditas consideram o Iêmen um país problemático e superpopuloso em seu próprio quintal, que requer muito cuidado e atenção, julgando a disfuncionalidade do Estado iemenita como atrativa, pois um Iêmen muito forte poderia afetar a segurança doméstica do Reino. Ainda conforme Salisbury (2015, p.3):

Os líderes Sauditas vêm desde sempre adotando uma política de contenção e manutenção dentro do Estado iemenita, dando suporte a qualquer que seja o governo a frente do poder em Sanaa para prevenir o colapso do Estado [...] Pois Riyadh está ciente do impacto que um colapso do Estado no Iêmen poderia causar no Reino, e os decisores políticos sauditas sempre se preocuparam que uma crise econômica no país mais pobre da Península Arábica e o segundo mais populoso poderia levar a um fluxo de migrantes econômicos.²²

O medo saudita de que a influência Zaidi, ultrapasse suas fronteiras com o Iêmen é evidente, porém este nem sempre foi o caso. Na década de 60 durante a guerra civil no norte, a Arábia Saudita apoiava publicamente o imamato zaidita contra os republicanos e seus aliados egípcios. Após a instauração do regime republicano, vários oficiais militares republicanos e líderes tribais de herança Zaidi converteram-se ao sunismo, esperando que o financiamento de seu vizinho ao norte perdurasse. Ao final dos anos 80 era eminente o patrocínio de Riyadh ao governo iemenita, seus militares e aos líderes tribais da população, tendo assim, adquirido forte atuação em grande parte das camadas sociais iemenitas (SALISBURY, 2015). Logo, a Arábia Saudita é o mais importante e influente vizinho iemenita e o futuro do país está fortemente ligado ao Reino.

Nos anos 90 a recém-formada República do Iêmen apoiou Saddam Hussein em sua invasão ao Kuwait, acarretando na deportação de milhares de iemenitas que eram permitidos trabalhar e visitar o país saudita sem necessidade de visto, causando um impacto desastroso na economia iemenita. As hostilidades entre os dois países perduraram durante anos após o fim da Guerra do Golfo, tendo a Arábia Saudita interferido na guerra civil em 1994 apoiando os separatistas do sul, e em 1995 os dois países passaram por um breve porém conturbado período disputando questões fronteiriças (ABOSAQ, 2012).

Durante a segunda metade dos anos 90 as tensões entre os dois países foram se atenuando, e as questões envolvendo as fronteiras foram sendo resolvidas e firmadas em acordos bilaterais, diminuindo o perigo de confronto em seus 1,458 km de divisas. Na

²² Tradução livre. Texto original: Saudi leaders have long advocated a policy of 'containment and maintenance' in the case of Yemen, where enough support is given to whichever regime is in power in Sana'a to prevent state collapse [...] Riyadh is wary of the impact that state collapse in Yemen would have on the Kingdom, and Saudi policy-makers have long worried that an economic crisis in the Arabian Peninsula's poorest and second most populous state could lead to an influx of Yemeni economic migrants.

primeira década do novo milênio, o foco saudita em erradicar grupos extremistas islâmicos transformou o Iêmen em campo de batalha fundamental, visto que o país abriga um dos ramos mais temidos da Al-Qaeda, o AQPA²³ (ABOSAQ, 2012, SALISBURY, 2015).

O conflito iniciado entre os Houthis e o governo na primeira metade dos anos 2000 tornou-se assunto de preocupação regional em 2009, quando alguns Houthis mataram dois guardas sauditas ao cruzarem a fronteira do país. O Reino reagiu com uma forte ação militar na montanha onde os Houthis haviam se instalado, e impuseram um bloqueio naval na costa norte do Iêmen para prevenir que o grupo tivesse acesso à armas. Esta foi a primeira ação direta do governo saudita contra os insurgentes Houthis, anteriormente os sauditas e seus aliados norte americanos prestavam assistência a Saleh em sua campanha contra o grupo (ABOSAQ, 2012, SALISBURY, 2015).

Em março de 2015, após a tomada do posto presidencial pelos Houthis, a Arábia Saudita estabeleceu uma coalizão com mais nove Estados - Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Egito, Jordânia, Kuwait, Marrocos, Senegal e Sudão - e lançou uma campanha de ataques aéreos contra a aliança Houthis-Saleh. As intenções do Reino com os ataques são reestabelecer Hadi no posto de presidente e reverter a situação dos Houthis, os quais consideram como uma proxy iraniana (JUNEAU, 2016).

A coalizão liderada pela Arábia Saudita lançou então a operação Decisive Storm visando solucionar a crise iemenita e restabelecer a estabilidade no país através de bombardeios aéreos atacando posições de bases militares, linhas de suprimento, equipamentos antiaéreos e galpões de munição dos Houthis, além disso, impuseram um embargo total dos portos iemenitas com o propósito de prevenir o fornecimento de auxílio militar por parte do Irã e outras fontes para os Houthis e as forças leais a Saleh (AL-JAZEERA, 2015).

Mesmo com a ofensiva saudita o financiamento ao país não foi extinto, em 2015 o Iêmen enfrentou mais uma severa crise fiscal, que só poderia ser amenizada com mais fundos sauditas. O governo saudita diz não aprovar a ideia de auxiliar um país que esteja nas mãos de um grupo militante xiita, mas está ciente de que uma piora na crise econômica pode levar a uma onda de migração indesejada ao norte (SALISBURY, 2015).

²³ Al-Qaeda na Península Arábica.

Durante todo o ano de 2015 a coalizão liderou ataques aéreos e terrestres em nome do governo iemenita para tentar recuperar territórios dominados pelos Houthis. Em meados daquele ano a coalizão conseguiu fazer alguns avanços no território conseguindo reconquistar a cidade portuária de Áden. Outras cidades com forte presença da liderança tribal muitas vezes se juntavam aos Houthis para evitar a reconquista do território pelo governo de Hadi, pois alegavam que o governo jamais se preocupou em atender suas reivindicações e em suprir suas necessidades (SALISBURY, 2016).

Em outubro de 2015 os sauditas aplicaram fortes ofensivas contra os Houthis na cidade de Marib que duraram alguns meses. Apesar de terem conseguido conquistar a cidade, o restante da região montanhosa da província do Marib ainda continuou sobre a influência dos Houthis (SALISBURY, 2016).

Segundo o cientista político Thomas Juneau (2016, on-line), a intervenção da Arábia Saudita no Iêmen está tendo o efeito oposto do desejado pelos sauditas: os ataques feitos pela Arábia Saudita – um país claramente mais rico e com armamentos militares muito mais avançados - estão levando os Houthis a buscarem assistência, mesmo que em pouca quantidade, pelo único poder externo disposto e capaz de os ajudar, o Irã. O autor ainda fala da ironia da situação, pois o discurso saudita para justificar seus ataques ao Iêmen está principalmente ligado às acusações de envolvimento iraniano com os Houthis, envolvimento que antes dos ataques feitos pela coalizão era basicamente fictício.

Conforme abordado anteriormente, as dimensões da guerra civil no Iêmen são resultado das divergências internas e da disputa pelo poder, entretanto é evidente que regionalmente a situação doméstica do Estado iemenita encaixa-se em uma vasta disputa histórica e geopolítica entre o Irã e a Arábia Saudita (ALVES, 2016).

As alegações do suporte iraniano aos Houthis são feitas pelo governo iemenita desde a emergência do grupo, porém ambas as partes negaram repetidamente tal ligação. No entanto, evidências mostram um forte envolvimento iraniano com o grupo desde 2011 (WYSS, 2016).

Segundo a análise feita por Michael D. Wyss (2016, p.36), uma das razões para o envolvimento iraniano no Iêmen é principalmente porque o país proporcionaria uma base ideal para reter a influência Saudita e Salafista na Península Arábica além da sua geografia

estratégica que permitiria estabelecer uma rede de distribuição de armas e inteligência secreta para sustentar seus interesses no Oriente Médio e no Chifre da África.

Apesar de negar envolvimento, o Irã já declarou repetidamente que não deixará outros atores regionais – uma óbvia referência a Arábia Saudita - comprometerem seus interesses com a segurança do Iêmen. Wyss (2016, p.36) destaca que a Proxy iraniana no Iêmen é motivada principalmente pelos seus interesses quanto a manutenção da sua influência na região e não por uma questão ideológica ou religiosa. O autor explana também que o envolvimento secreto iraniano com os Houthis faz parte de uma estratégia para evitar possíveis retaliações por parte da comunidade internacional, principalmente pelo interesse iraniano com o acordo nuclear firmado com o ocidente visando a retirada das sanções econômicas impostas ao país.

Segundo um relatório do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o Irã tem provido pequenas quantidades de armas para os Houthis desde 2009, a partir do ano de 2011 o financiamento para o grupo aumentou, segundo funcionários do governo Norte-Americano, os iranianos são responsáveis pela entrega de rifles automáticos, granadas e provavelmente milhões de dólares em dinheiro para o grupo (JUNEAU, 2016). A tomada da capital pelos Houthis no ano de 2014 levou o Irã a aumentar ainda mais o seu suporte. Segundo Juneau (2016, on-line):

Parece que agora pequenos números – talvez dezenas - de oficiais da Guarda Revolucionária Iraniana, com a ajuda do Hezbollah libanês, formaram um programa de treinamento e equipamento para os Houthis. Também houve relatos de intensificação da atividade marítima entre o Irã e o Iêmen.²⁴

Salisbury (2015, p.7) declara que a extensão do auxílio iraniano aos Houthis é incerta dado que o grupo necessita do apoio local e da tributação para se manter sustentável. O autor afirma que a real assistência iraniana ao grupo está na capacitação da construção da política interna, vista na visão do autor, como a forma de ajuda mais efetiva do que simples

²⁴ Tradução livre. Texto original: It now appears that small numbers — perhaps dozens — of Islamic Revolutionary Guard Corps (IRGC) officers, with assistance from Lebanese Hezbollah, have set up a train and equip program for the Houthis. There have also been reports of intensifying shipping activity between Iran and Yemen.

pagamentos em dinheiro. Ainda segundo o autor, o grande “sucesso” dos Houthis se deve principalmente pelo seu notável gerenciamento interno de segurança e administração apoiados e financiados por esses atores externos.

Como o investimento iraniano no Iêmen é limitado sua capacidade de influência é igualmente restrita. O Irã não tem condições de moldar situações no Iêmen, sendo assim, não possui o controle de uma quarta capital Árabe, tendo apenas conseguido “carona” no sucesso dos Houthis, almejando sua consolidação e parceria para intimidar seus rivais regionais, sobretudo a Arábia Saudita e Israel (JUNEAU, 2016, on-line).

Considerações Finais

A unidade territorial iemenita existente hoje, mesmo depois de sua unificação, sempre foi muito segregada e diversificada em termos populacionais. As divergências internas e a falta de um senso de identidade comum são na verdade, juntamente com a religião, as únicas características compartilhadas dentre a população. A junção dos dois Iêmens em 1990, ao contrário da construção de uma unidade, traçou as bases de um país que hoje beira o caos.

Sendo assim, é essencial observar os contrastes da população e história iemenita para se entender a multiplicidade de fatores existentes hoje no país. Enquanto o poder central ao norte sempre precisou financiar e apoiar os líderes tribais, principalmente os Zaidis, para se manter no poder, o sul sempre teve um cunho mais secularista.

É impossível desconsiderar a importância do tribalismo e da religião em uma sociedade como a iemenita. A carência de recursos disponíveis para a população e a incapacidade do governo em sanar tais necessidades, fortalecem os vínculos tribais e reforçam, também, a esperança por salvação.

O governo iemenita possui responsabilidade direta na sua decadência. Para manter a unidade do país firme, optaram por tentar enfraquecer os laços tribais e religiosos da população sem levar em consideração as consequências de tais atos de opressão.

O surgimento de grupos como os Houthis foram, na verdade, resposta aos abusos cometidos por parte do governo. Hoje, se o governo não consegue ter o controle da sua

população e se manter legitimamente no poder, isto se deve essencialmente por sua própria incompetência.

Os Houthis, que tem o domínio da capital desde 2014, são classificados - erroneamente - pela comunidade Internacional como um grupo terrorista. Internamente possuem grande aceitação populacional, pois pregam antes de tudo a tolerância religiosa, e conduzem suas políticas de forma colaborativa, muitas vezes pedindo a opinião popular na hora da tomada de decisões.

A posição estratégica do país iemenita, como já citada anteriormente, é um quesito de fundamental importância para as duas potências regionais envolvidas no conflito. O Irã vê a instabilidade interna no país como uma oportunidade ideal para desestabilizar seu inimigo saudita. E a Arábia Saudita por consequência se sente ameaçada em ‘seu próprio quintal’, como eles mesmos o intitulam.

O Irã há muito tem adotado uma estratégia de conquista no Oriente Médio, na qual ele se aproveita da instabilidade dos países para influenciar em suas questões internas, adquirindo uma posição fundamental nas políticas do país e por fim tornando-se um poder regional o qual não pode ser dispensado. Os iranianos visam, principalmente, agrupamentos sociais insatisfeitos para ganhar acesso a uma área que pode ser usada futuramente contra seus rivais regionais (JUNEAU, 2016). O Iêmen, portanto, é visto como parte de mais uma dessas estratégias, e talvez a mais significativa delas.

A Arábia Saudita, por sua proximidade, está diretamente ameaçada, e se encontra em uma posição profundamente delicada; por um lado tenta resolver as tensões e devolver a ‘estabilidade’ no Iêmen, e por outro, ao mesmo tempo, provoca insegurança e instabilidade em seu próprio território.

No entanto, não pode se dizer que o conflito no Iêmen seja causado por esses dois países. Como observado durante a pesquisa, a insatisfação generalizada no país, a escassez de recursos, a marginalização de algumas camadas sociais por parte governo e também a sua ineficiência administrativa, foram moldando durante anos o conflito que perdura até hoje no Iêmen.

A autoridade central no Iêmen, apesar de muitas vezes ter sido rígida e intolerante, ela nunca foi forte. As disputas no país são consequência, principalmente, de uma competição por recursos que são escassos, e também pela incapacidade de seus governantes de sobrepor os interesses da sua população sobre os seus interesses particulares.

Logo, vê-se necessário ressaltar que as condições internas do país são muito mais salientes do que as articulações feitas pelo Irã e pela Arábia Saudita. Contudo, os papéis desempenhados por esses dois países não devem ser descartados, pois possuem eminente relevância na complexidade atual dos conflitos.

Partindo do conceito de Proxy War esclarecido anteriormente, são evidentes as manipulações externas dentro do país iemenita. A crise estratégica no Iêmen pode, sim, ser vista como uma extensão de outras crises regionais que vem sendo causadas principalmente pela rivalidade Iraniano-saudita. No entanto, as hostilidades enfrentadas no país não podem ser resumidas a apenas uma Proxy War.

Países da Península Arábica, como o Iêmen e o Omã, vem há tempos tentando seguir políticas mais independentes em comparação a outros Estados do Golfo Pérsico, que estão sob influência teórica e militar da Arábia Saudita (EL GHAMARI, 2015). A ordem regional dominada pelos sauditas e seus aliados norte-americanos enfrenta, desde a primavera árabe, direta oposição iraniana, causando certo desequilíbrio na balança de poder regional. Conforme o teórico político Antonio Gramsci (1999, p.556): “ A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer”. A partir dessa perspectiva, muito pode ser explicado, tanto no caso Iraniano-Saudita quanto na situação dos Houthis no Iêmen.

A Arábia Saudita a fim de manter seu status quo na região, busca de forma racional, erradicar qualquer que seja a força oposta a seu regime. Sendo assim, o Irã por ser seu oponente econômico e ideológico, é visto e enfrentado como tal. Já a estratégia iraniana baseia-se na busca pela alteração na balança de poder e não sua manutenção.

O caso Houthi pode também ser explicado a partir da visão de Gramsci, na qual a luta dessas forças externas confluem com as divergências internas no Iêmen, onde o

“velho” – o governo iemenita e a Arábia Saudita - tenta se sobrepor e erradicar o “novo” – os Houthis - em prol da manutenção do poder.

O conflito envolvendo esses três atores, não se encaixa literalmente no conceito de Proxy War apresentado anteriormente, entretanto, é visível a manipulação direta e indireta dos dois atores externos no conflito, causando um confronto com dimensões muito maiores do que apenas uma Proxy War. A complexidade atual do conflito se deve, sobretudo, a essa convergência de interesses, tanto externos quanto internos, no que diz respeito a busca pelo poder.

Tendo em vista a complexidade histórica das relações sociais iemenitas, é difícil prever os possíveis desdobramentos de sua política e governo no futuro. Entretanto, é necessário prestar a devida atenção aos acontecimentos no país, e procurar encontrar uma maneira de apaziguar as tensões sem que seja por meio da guerra, o que vem se mostrando ineficiente e causando o flagelo da população iemenita, a fim de evitar uma nova catástrofe como no caso Sírio.

REFERÊNCIAS

ABOSAQ, Hassan. **The Implications of Unstable Yemen on Saudi Arabia**. Carlisle: United States Army War College, 2012

AL-JAZEERA. **Operation Decisive Storm: Reshuffling Regional Order**. Al Jazeera Center for Studies. Disponível em: <http://studies.aljazeera.net/mritems/Documents/2015/4/7/20154783015689734Operation%20Decisive%20Storm.pdf> Acesso em: 06 nov. 2017

ALVES, J.P.; MACHRY, P.G. **O conflito no Iêmen (2015-presente): características domésticas, regionais e internacionais de uma guerra desconhecida**. UFRGS, Boletim de Conjuntura: NERINT, 2016

DRESCH, Paul. **A History of Modern Yemen**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

DURAC, Vincent. **Yemen's Arab Spring – Democratic Opening or Regime Maintenance?** Dublin: University College Dublin, 2012

ELAYAH, M.; SCHULPEN, L.; ABU-OSBA, B., **Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country**. Nijmegen: Radboud University, 2017

ENDERS, K. **Yemen in the 1990s: From Unification to Economic Reform**. International Monetary Fund Washington, 2002

EL GHAMARI, Magdalena. **Yemen : the Proxy War**. Polônia: University of Bialystok, 2015

GRAMSCI, Antonio. **Selections From the Prison**. Londres: The Electric Book Company, 1999

ISMAIL, Sharif. **Unification in Yemen: Dynamics of Political Integration 1978-2000**. Faculty of Oriental Studies: University of Oxford, 2007

JUNEAU, Thomas. **No, Yemen's Houthis actually aren't Iranians puppets.** Washington Post. Disponível em: goo.gl/YWLSuAcontent_copy. Acesso em: 04 nov. 2017.

LIBRARY OF CONGRESS. Country Profile: Yemen. 2008. Disponível em: <https://www.loc.gov/rr/frd/cs/profiles/Yemen.pdf> Acesso em: 13 Ago. 2017

LOPOUR, Jacqueline. **Spotlight on Yemen's Forgotten War and Humanitarian Disaster: Preventing the next Syrian Refugee Crisis.** Waterloo, Centre for International Governance Innovation, 2016

MANEA, Elham M. **Yemen, the Tribe and the State.** Disponível em: <http://www.yemenwater.org/wp-content/uploads/2013/03/Manea-Elham-M.-1995.pdf> Acesso em: 20 Ago. 2017.

MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics.** New York: W.W. Norton & Company, 2001

RODER, H. et al. **Conflito no Iêmen, o caso Huti.** UNESP. Observatório de Conflitos Internacionais, 2016

RUSSEL, Michael G. **Marxism in Slamic South Yemen.** Air Command and Staff College Air University, 1988

SALISBURY, Peter. **Stemming the Rise of a Chaos State.** The Royal Institute of International Affairs , Chatham House, 2016

_____ **Yemen and the Saudi-Iranian Cold War.** The Royal Institute of International Affairs , Chatham House, 2015

SALMONI B.A.; LOIDOLT, B.; WELLS, M. **Regime and Periphery in Northern Yemen: The huthi Phenomenon.** RAND: National Defense Research Institute Santa Monica, 2010

WYSS, Michael D. **Iranian Proxy Warfare in Iraq and Yemen**. RAGONIS: International Institute for Counter-terrorism, 2016